



COMPORTAMENTO DA NASAL PALATAL /ɲ/: ANÁLISE VARIACIONISTA

BEHAVIOR OF THE PALATAL NASAL /ɲ /: VARIATIONIST ANALYSIS

Dermeval da Hora*, Larissa Moraes Pedrosa**

RESUMO

A posição de ataque silábico, em geral, é preenchida por poucas consoantes que estão sujeitas a processos de variação. Dessas consoantes, destacam-se as oclusivas dentais /t, d/ e as soantes palatais /ɲ, ʎ/. Este texto trata da nasal palatal. O objetivo principal é discutir o comportamento desse segmento na comunidade de João Pessoa – PB - Brasil, considerando restrições sociais e estruturais. Como objetivos específicos são delineados: (a) identificar quais as condições estruturais e sociais que podem condicionar a variação da nasal palatal /ɲ/; (b) identificar qual a preferência do falante em relação às variantes, se o apagamento ou manutenção da nasal palatal; (c) identificar o estágio em que se encontra o processo de variação que envolve esse segmento, se variação estável ou indício de mudança linguística em progresso. Os dados trabalhados foram retirados do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB (1993), de onde foram selecionados 34 falantes, estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e os anos de escolarização. Ao lado das restrições sociais, foram controladas restrições estruturais. O tratamento estatístico foi realizado com a utilização do Programa Goldvarb X que selecionou como relevantes para o apagamento da nasal palatal as restrições estruturais (contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, número de sílabas, tonicidade, categoria gramatical) e as restrições sociais (sexo, faixa etária e anos de escolarização).

Palavras-chave: nasal palatal; variação linguística; Projeto VALPB; restrições linguísticas; restrições sociais.

* Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista de Produtividade em Pesquisa nível PQ-1B do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professor Titular pela Universidade Federal da Paraíba (aposentado). Professor Colaborador do Programa de Estudos da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9303-5664>

** Mestre em Linguística pelo Programa em Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Autora da Dissertação de Mestrado que teve seu trabalho, parcialmente, utilizado neste artigo.

ABSTRACT

The syllabic attack position, in general, is filled by a few consonants that are subject to variation processes. Of these consonants, the dental stops /t, d/ and the palatal sounds /ɲ, ʎ/ stand out. This text deals with the palatal nasal. The main objective is to discuss the behavior of this segment in João Pessoa, considering social and structural constraints. The specific objectives are outlined: (a) to identify which structural and social conditions may affect the variation of the palatal nasal /ɲ/; (b) identify the speaker's preference in relation to the deletion or maintenance of the variable; (c) identify the stage at which the variation process involving this segment is, whether stable variation or evidence of linguistic change in progress. The data worked on were taken from the Linguistic Variation Project in the State of Paraíba - VALPB (1993), from which 34 speakers were selected, stratified according to sex, age group and years of schooling. Along with social constraints, structural constraints were controlled. The statistical treatment was carried out by the Goldvarb X Program, which selected structural constraints (preceding phonological context, following phonological context, number of syllables, tonicity, grammatical category) and social constraints (sex, age group and years of schooling).

Keywords: *palatal nasa; language variation; VALPB Project; structural constraints; social constraints.*

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a sílaba no Português Brasileiro (PB) têm demonstrado que as consoantes que ocupam as posições de ataque e coda estão sujeitas a processos de variação. Embora na posição de ataque seja possível elencar o maior número de consoantes no sistema do PB, não é essa posição a que conta, proporcionalmente, com maior número de segmentos sujeitos à variação, visto que, na posição de coda, que pode ser preenchida pelos segmentos /r, l, s, n/, todos eles apresentam usos variáveis.

Se a coda silábica tem estado no centro das atenções dos sociolinguistas brasileiros, não é o que acontece com o ataque. Basicamente, são as oclusivas dentais /t, d/, em exemplos como [t]iro ~ [tʃ]iro, [d]igo ~ [dʒ]igo, e as soantes palatais /ɲ, ʎ/, em casos como ba[ɲ]o ~ b[ã]o ~ b[ã̃], mu[ʎ]er ~ mu[l]er ~ mu[j]er. O foco deste texto é a nasal palatal na comunidade de João Pessoa.

No desenvolvimento dessa proposta, dois questionamentos devem ser respondidos: (a) De que maneira se manifesta a variação da nasal palatal /ɲ/ na comunidade de pessoense? (b) Quais os fatores estruturais e sociais que condicionam a variação da consoante nasal palatal /ɲ/?

A fim de responder essas questões, tem-se como objetivo principal discutir o comportamento desse segmento na comunidade pessoense, considerando restrições sociais e estruturais. Como objetivos específicos são definidos: (a) identificar quais as condições estruturais e sociais que condicionam a variação da nasal palatal /ɲ/; (b) identificar qual a preferência do falante em relação ao apagamento ou manutenção da variável; (c) verificar o estágio em que se encontra o processo de variação que envolve esse segmento, se variação estável ou indício de mudança linguística em progresso.

Os dados utilizados são os de 34 falantes que integram o Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB (HORA, 1993), estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e os anos de escolarização. A base teórica que dá suporte à análise dos dados é a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1966, 1972; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), e, no tratamento estatístico dos dados, foi utilizado o pacote Goldvarb X.

As hipóteses levantadas em relação ao objeto de estudos foram assim delineadas: (1) em relação às restrições sociais, supõe-se que os falantes do sexo feminino, da faixa etária mais avançada e com anos de escolarização mais elevados dão preferência à manutenção da consoante palatal, ao contrário dos falantes do sexo masculino, mais jovens e com menos anos de escolarização; (2) quanto às restrições estruturais, parte-se do pressuposto de que a presença de uma vogal [+alta, -posterior], seja no contexto fonológico precedente, seja no contexto fonológico seguinte, favorece o apagamento da nasal palatal.

Este texto está assim estruturado: além dessa Introdução, na Seção 2, serão apresentados alguns pressupostos da Sociolinguística Variacionista; na Seção 3, serão apresentadas algumas informações sobre a soante palatal; na Seção 4, será delineada a metodologia; na Seção 5, a análise dos dados, considerando-se as restrições estruturais e as restrições sociais selecionadas pelo tratamento estatístico com o Goldvarb X como mais relevantes; e, por último, as Considerações Finais, seguidas das Referências.

A PROPOSTA VARIACIONISTA

Desde os anos 1960, os estudos linguísticos têm como um de seus interesses a pesquisa sobre variação, mesmo que antes disso já se tenha levantado que a mudança na língua era condicionada não só por restrições estruturais, mas também sociais, como bem observou Antoine Meillet (1948). Essa é uma noção que foi reconhecida, mas não explorada pelos dialectologistas pré-estruturalistas europeus, que reagiram ao rígido paradigma neogramático. O estruturalismo, segundo Buccini e Van Coetsem (1990), operou também com essa noção, principalmente ao tratar as oposições estruturais. O conceito também esteve fundamentalmente implicado no que se chamou *sincronia dinâmica*, acarretando uma necessária reavaliação da famosa dicotomia sincronia-diacronia de Saussure (2006)[1916]. Embora a variação linguística na sua gênese não tenha, por algum tempo, sido objeto de grandes polêmicas, ao começar a ser tratada do ponto de vista do contexto social, ela tornou-se assunto de pesquisa e discussão, especialmente com referência à difusão lexical e à mudança em progresso.

A década de 60 presenciou o aparecimento da primeira proposta concreta para tratar a questão da variação e mudança na língua, com o trabalho de Weinreich, Labov e Herzog (1968). Ao apresentar e discutir a proposta, os autores levantaram alguns problemas, parcialmente ordenados, de que uma teoria de base empírica deveria dar conta. Tais problemas dizem respeito às restrições, à transição, ao empréstimo e à avaliação. Respondendo essas questões, uma quinta questão básica surge, formulada como uma pergunta: que fatores são considerados na implementação de uma mudança? Por que as mudanças em um traço estrutural ocorrem em uma língua específica em um determinado tempo, mas não em outras línguas com o mesmo traço, ou na mesma língua em outros tempos?

Para os autores citados, uma teoria de mudança deve lidar com o modo como uma estrutura linguística de uma comunidade muda no curso do tempo, de forma que, em algum sentido, tanto a língua como a comunidade permaneçam as mesmas, mas a língua adquira uma forma diferente.

Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 186-187) sugerem que uma mudança linguística acontece quando uma variante se generaliza em um subgrupo de uma comunidade e adquire uma certa direção e significado social; o progresso da mudança está associado à aprovação dos valores de um grupo pelos membros de outro grupo. A mudança sempre requer, virtualmente, um período de transição, de variabilidade, de competição entre estruturas e de divergências dentro da comunidade do falante (SANKOFF, 1988, p. 147). Para o entendimento do processo de mudança

linguística em progresso, dois aspectos na estratificação da amostragem devem ser considerados: tempo aparente e tempo real. Na amostra em tempo aparente, a variável linguística é distribuída entre os níveis de idade dos falantes. A dificuldade desse tipo de observação consiste em entender se a significativa correlação entre a idade e a variável linguística estabelecida trata-se de uma verdadeira mudança em progresso ou de gradação etária, que é a mudança de comportamento linguístico característica de uma certa idade, que se repete em cada geração, alterando a frequência de algumas variáveis linguísticas por serem modificadas ou corrigidas em uma idade mais avançada do indivíduo. Para Labov (1966), adolescentes e adultos jovens usam variantes estigmatizadas mais livremente do que falantes de meia idade, especialmente quando estão sendo observados.

Labov (1994, p. 47) observa que adolescentes e pré-adolescentes parecem estar à margem no progresso da mudança sonora. Sugere, então, uma estratificação da amostra que inclua gravações de falantes tão jovens quanto os de oito anos de idade: 8 - 14; 15 - 19; 20 - 29; 30 - 39; 40 - 49; 50 - 59; 60 - 69 e mais de 70 anos. Segundo o autor, essa forma de estratificação pode aprimorar a visão dos movimentos em tempo aparente. Os dados em tempo aparente são, portanto, relevantes para as observações em tempo real, uma vez que eles podem suscitar questões acerca do tipo de mudança, bem como das diferenças que constituem a mudança linguística (LABOV, 1994). Para Paiva e Duarte (2003, p.23), apesar da validade teórica do construto do tempo aparente, “há dificuldades empíricas que exigem não apenas rigor dos dados a serem observados, como também a conjugação com outras formas de estudo da mudança”.

Ao lado da mudança em progresso, os estudos sociolinguísticos, mesmo sob a perspectiva do tempo aparente, podem indicar se uma determinada variável representa uma variação estável. Isso acontece, principalmente, quando os resultados obtidos a partir da faixa etária indicam que a relação entre o uso por aqueles da faixa dos mais jovens se aproxima da faixa etária dos mais idosos.

A variação linguística, atualmente, ainda é de interesse exclusivo dos sociolinguistas, embora isto esteja rapidamente mudando. Outros campos da linguística e particularmente da linguística histórica têm-se beneficiado da aplicação sistemática da noção de variação. A variação, então, passa a ser vista, não como algo aleatório, mas como o reflexo de subsistemas em competição e heterogeneidade estruturada.

Sabe-se que a variação é inerente à língua. Segundo Chambers (1995, p. 13), quando as variantes atraíram a atenção dos linguistas, elas foram vistas ou como pertencendo a diferentes sistemas linguísticos coexistentes ou como estando em variação livre.

A noção de sistemas coexistentes estabelecia que os falantes mantinham fonologias separadas que lhes davam acesso a mais de um código, possibilitando-lhes mudar de um para outro. Tal noção traz certas implicações que a põem em dúvida, desde o início. Ela implica, por exemplo, que os falantes manteriam uma fonologia até que surgissem as circunstâncias para desencadear o segundo sistema. Misturar elementos dos dois sistemas, em princípio, não ocorreria. Acessar o segundo sistema não seria esporádico.

Um dos primeiros estudos de variação, Fischer (1958), mostra que as variantes eram selecionadas com base em determinantes correlacionados à classe social, ao sexo e a outras variáveis independentes. Correlacionar a variável dependente a variáveis independentes como contexto linguístico, estilo ou categorias sociais é a principal tarefa empírica da sociolinguística.

Uma das mais significativas contribuições dos estudos sociolinguísticos nos últimos anos foi a descoberta de que vários dialetos sociais são diferenciados entre si não apenas por conjuntos discretos de traços, mas também pelas variações nas frequências com que certos traços ou regras ocorrem. Estudos de dialetos sociais têm claramente indicado que a diferenciação dos dialetos não

pode ser indicada simplesmente por formulações categóricas. Não é mais possível, como tradicionalmente, indicar que algumas regras são obrigatórias e outras opcionais.

O fato de uma regra opcional específica aplicar-se em contexto (linguístico ou social) foi considerado irrelevante na formulação das regras para uma determinada língua e dialeto. Se uma gramática observava que o grau de flutuação variava mais em certos contextos do que em outros, ele era descartado como informação incidental, isto é, não tinha relação com a formulação real da regra. O grau de opcionalidade não era considerado na descrição linguística da competência da língua. Estudos detalhados de variação, entretanto, têm indicado que há uma regularidade sistemática da variação. Em parte, essa regularidade pode ser atribuída a fatores sociais como idade, sexo, estilo, classe social etc. Mas também pode estar correlacionada a variáveis linguísticas independentes, a exemplo do contexto fonológico, da extensão do vocábulo, da tonicidade etc.

O estudo das variáveis linguísticas, mais do que as constantes categóricas, acrescenta uma nova dimensão ao exame das diferenças de fala. Os estudos iniciais indicam como os métodos quantitativos são utilizados e também como as correlações entre os padrões sociolinguísticos e sociais surgem. O valor particular de uma determinada variável linguística é visto como uma função de sua correlação com variáveis extralinguísticas e com as variáveis linguísticas independentes. A variável linguística, em si mesma, é uma abstração, é realizada na fala real por variantes, isto é, membros individuais que constituem a variável.

Enquanto a variação linguística não tem significado real em termos das representações formais de uma gramática, a regra variável é colocada como um aspecto formal da teoria linguística a ser considerado nas gramáticas da língua. Sua aceitação em nível teórico baseia-se em várias premissas.

O estabelecimento da regra variável é, antes de tudo, baseado na hipótese da variabilidade inerente. Por variabilidade inerente, entende-se que a flutuação das variantes não pode ser desprezada como empréstimo dialetal ou mudança de código no repertório do falante. A flutuação é parte de um sistema unitário. A variação ocorre, mas os contextos linguísticos e sociais permanecem. Existem casos em que a mudança linguística torna-se estável, isto é, a variabilidade pode permanecer constante por muitas gerações. Nesse sentido, a variabilidade pode revelar uma estabilidade igual à de muitas regras categóricas. Nesses casos, dizer que a variabilidade é apenas uma indicação de mudança linguística em progresso parece ser uma generalização, como a de dizer que a língua está sempre mudando.

Existem aspectos das restrições variáveis que são específicos de uma dada comunidade. Em relação à universalidade das restrições, existem dois aspectos a serem considerados: o efeito de previsibilidade e a ordem de previsibilidade. O efeito de previsibilidade diz respeito ao fato de que um tipo específico de contexto sempre terá um efeito particular ou variabilidade. A ordem de previsibilidade se refere à ordenação específica das restrições. Para que uma ordenação assim seja parte de uma teoria geral de regras opcionais, deve-se ser capaz de prever não só o efeito da restrição, mas também sua ordenação em relação às outras restrições. É muito possível que o efeito de previsibilidade derive de alguns princípios universais da metateoria da língua, mas que a ordem de previsibilidade seja de língua específica.

A teoria da variação e a teoria categórica têm seus próprios domínios e formas de procedimento. A separação entre as duas, conforme Chambers (1995, p. 30), não parece ser bem entendida. Nas primeiras propostas para as regras variáveis, Labov (1972) as concebeu como um refinamento das regras opcionais da teoria gerativa contemporânea.

Segundo Chambers (1995, p. 31), o axioma da categoricidade não é uma propriedade acidental da linguística categórica, mas uma propriedade essencial. Nos últimos anos, as regras têm

sido descartadas pelos linguistas categóricos em favor de generalizações notacionais diferentes, a exemplo dos filtros, *templates* e princípios. Da mesma forma, a formalização das regras variáveis não tem sido mais discutida na linguística variacionista. Mas o programa estatístico que trata das regras variáveis não desapareceu com as regras. Ele continua sendo um dos procedimentos disponíveis para os pesquisadores correlacionarem variáveis dependentes e variáveis independentes.

SOBRE A SOANTE PALATAL

De acordo com Camara Júnior (1970), a nasal palatal caracteriza-se por ser intervocálica, ou “molhada”. Dificilmente essa consoante aparecerá no início de sílaba, à exceção de *nhoque* que, segundo o autor, é um exemplo claro de um fonema “molhado” em posição inicial. Para justificar sua definição como um fonema palatal, Camara Júnior (1970) afirma que sua articulação se dá com o médio-dorso da língua e com o palato médio. Além disso, o autor ainda caracteriza /ɲ/ como um fonema posterior.

Como afirma Camara Júnior, a nasal palatal está circunscrita ao contexto de ataque medial, uma vez que, em posição inicial, restringe-se a vocábulos que são empréstimos. Segundo Neuschrnk (2016, p. 131), em seu estudo sobre a fonologização dos segmentos palatais do PB, “apesar de serem três as sequências que dão origem à nasal palatal, elas acabam convergindo para um mesmo caminho, devido à atuação dos mesmos traços, por isso as suas etapas assemelham-se”. Para ilustrar esse fato, reproduz-se o quadro a seguir, que representa a fonologização da nasal palatal, com exemplos de formas latinas e suas correspondentes no PB.

Quadro 1 – Fonologização da nasal palatal

Contexto silábico	Processo	Exemplo	Implicações	Etapas
Ataque absoluto	---	---	---	---
Ataque medial	Palatalização n + j precedido de vogal	se/nj/orem > se/ɲ/or	Assimilação regressiva.	n + j > ɲ
	i + n	vi/n/um > vi/ɲ/o	Assimilação progressiva	i + n > ɲ
	gn intervocálico	pu/gn/um > pu/ɲ/o	Vocalização da consoante dorsal e consequente espraiamento	gn > jn > ɲ

Fonte: adaptação de Neuschrnk (2016, p. 131).

O que o Quadro 1 mostra é que a presença do segmento [+alto, -posterior] está presente em todas as implicações que resultam na formação da nasal palatal.

ABORDAGENS SOBRE O TEMA

Poucos são os trabalhos que se dedicam a descrever a variação do segmento consonantal nasal palatal /ɲ/ no PB. A maioria dos trabalhos encontrados analisa não apenas a nasal, mas também a lateral palatal /ʎ/ e procura realizar uma análise mais fonológica do que puramente sociolinguística.

Os trabalhos analisados comungam no que diz respeito à verificação metodológica das variáveis, ao considerarem que, tanto a nasal palatal quanto a lateral palatal, são regras variáveis.

De modo geral, percebe-se que os autores selecionaram as mesmas variáveis sociais dos falantes para seus estudos: sexo, faixa etária e anos de escolarização. Dentre as estruturais, foi observado que os autores utilizam fatores semelhantes, em suas pesquisas, como: o contexto fonológico que precede e antecede as consoantes palatais, a tonicidade (ao verificar se as consoantes se localizam em posição tônica, pretônica ou postônica), assim como o número de sílabas do vocábulo.

A pesquisa de Pinheiro (2010) apresenta a variação da nasal palatal /ɲ/, a partir de exemplos retirados da fala de pessoas que residem em Belo Horizonte. Para a autora, a nasal palatal pode ser apagada em um vocábulo, quando em posição interna, dando origem um ditongo crescente com o acréscimo do glide [j]. Quando a nasal palatal se encontra na última sílaba da palavra, há um apagamento da última sílaba com o segmento e a vogal que antecede a consoante palatal passa a ser nasalizada, como ilustram os exemplos retirados da autora:

(3) “Nós saímos pra pescar [pi'rãye], na bendita voadeira” (Informante SRFF).

(4) “Aí a gente vai pra lá, é um [lugh'zĩ] muito bom também” (Informante FaCas).

A partir dos exemplos, observa-se que as palavras que sofreram variação são as que estão transcritas foneticamente, que são, respectivamente, “[pi'rãye]” (variação de *piranha*) e “[lugh'zĩ]” (variação de *lugarzinho*). A partir dessa demonstração, pode-se perceber a elisão dos fonemas palatais nas palavras que, ora pode ser caracterizado apenas pela nasalização da vogal anterior à consoante palatal, ora pode ser acrescentada também um glide. E, ainda assim, há total entendimento de que palavra o falante usa.

Soares (2008) analisa dados de seis cidades do estado do Pará (Belém, Bragança, Soure, Altamira, Marabá, Santarém), avaliando, sob a perspectiva variacionista, o comportamento das soantes palatais /ʎ, ɲ/.

Em relação à nasal palatal, a autora conclui que tanto fatores estruturais como sociais condicionam a realização das variantes. Em seu trabalho, as variantes que majoritariamente ocorrem são a nasal palatalizada, ou seja, motivada pela presença de uma vogal [+alta, -posterior], seguida da variante semivocalizada e, por último, a nasal palatal.

Tais resultados são bem diferentes dos encontrados em João Pessoa, uma vez que, na comunidade pessoense, a oposição se dá entre presença ou ausência da nasal palatal (PEDROSA, 2016). Os dados do Pará mostram uma realidade bem diferente, isto porque a presença da vogal [+alta, -posterior], seguindo uma consoante nasal, como em “men[i]no”, pode condicionar a palatalização da nasal. É um processo de espraiamento muito comum na região, que tanto afeta a nasal como a lateral, a exemplo de “a[l]i”, que pode resultar “a[ʎ]i”.

A partir da compilação desses trabalhos, pode-se afirmar que as variantes da nasal palatal [ɲ] podem restringir-se a dois tipos majoritários: apagamento e manutenção da consoante. Pode-se entender o apagamento como o próprio [ø], que exclui o fonema, assim como o apagamento em que, além da supressão da sílaba de um vocábulo, há o acréscimo de um glide (que, por vezes, forma um ditongo decrescente no vocábulo).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

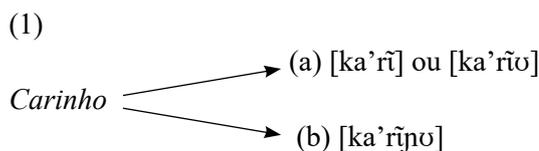
Os dados trabalhados para essa pesquisa que é aqui apresentada foram extraídos do *corpus* do Projeto de Variação Linguística da Paraíba – VALPB (HORA, 1993). Banco de dados que pertence à Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Esses dados estão armazenados e disponíveis

no endereço eletrônico www.projetovalpb.com. Embora a amostragem do Projeto seja de 60 falantes, foram utilizados 34, uma vez que a variável anos de escolarização passou a considerar falantes analfabetos e falantes com um a quatro anos no mesmo grupo, e também falantes com nove a 11 anos e mais de 11 anos, como sendo um grupo só. Esse *corpus* é uma amostra coletada sob a perspectiva do tempo aparente, em que a variável linguística a ser trabalhada se distribui nos níveis de idade selecionados.

Deve-se enfatizar que: (a) todos os informantes pertencem à comunidade de fala de João Pessoa; (b) o instrumento de coleta de dados foi a entrevista aberta com questões que versam sobre a vida pessoal do falante e também com questões dissertativas acerca de assuntos, à época, bastante discutidos na comunidade nacional, como violência, saúde, bem-estar da população, etc.

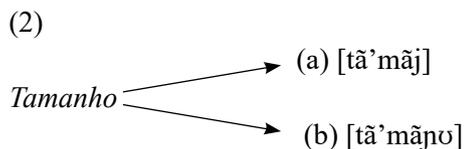
Os dados, após levantamento e codificação, foram submetidos ao programa estatístico Goldvarb X, que oferece, após as rodadas, informações numéricas de percentual e peso relativo da variável dependente e sua correlação com as variáveis independentes (sociais e estruturais).

A variável dependente analisada foi a nasal palatal [ɲ], que se realiza como [ø] (zero), o que significa seu apagamento, ou como [ɲ], implicando sua manutenção. Dessa forma, essa variável pode ser categorizada como uma variável binária, como constata os exemplos em (1) e (2):



Em (1a), observa-se, primeiro, o apagamento da nasal palatal e conseqüente apagamento da vogal temática [u], e, no caso seguinte, o apagamento da nasal palatal com manutenção da vogal temática. Em (1b), a nasal palatal se mantém.

O apagamento da nasal palatal, às vezes, pode levar ao aparecimento de um ditongo, como se pode ver em (2a):

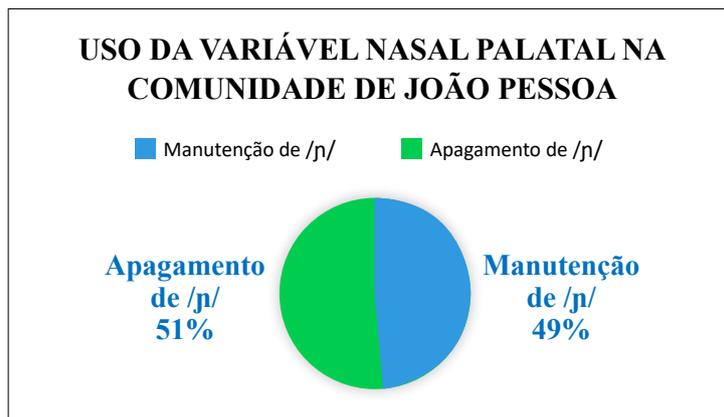


Na análise dos dados, foram consideradas como variáveis independentes, além das restrições sociais (sexo, faixa etária e anos de escolarização), já mencionadas, as restrições estruturais: contexto fonológico precedente (todas as vogais nasalizadas); contexto fonológico seguinte (todas as vogais orais); número de sílabas (vocábulos dissílabos, trissílabos e polissílabos); tonicidade (sílabas tônicas e sílabas átonas); categoria gramatical (nomes, pronomes, verbos).

ANÁLISE DOS DADOS

O levantamento dos dados no Corpus do VALPB resultou em 2351 ocorrências da variável nasal palatal, sendo 1145 ocorrências de manutenção e 1206 ocorrências de apagamento, o que, em termos percentuais, significa que 49% dos falantes mantêm a nasal palatal, enquanto 51% tendem a apagá-la, assim, a diferença entre manutenção e apagamento é quase inexistente. O Gráfico 1 ilustra esse resultado:

Gráfico 1 – Uso da variável nasal palatal /ɲ/ na comunidade de João Pessoa



Fonte: extraído de Pedrosa (2016, p. 53).

A utilização do programa estatístico Goldvarb X, considerando como valor de aplicação o apagamento da nasal palatal, selecionou, por ordem de relevância, as seguintes restrições: (a) contexto fonológico precedente; (b) contexto fonológico seguinte; (c) categoria gramatical; (d) número de sílabas; (e) tonicidade; (f) anos de escolarização; (g) sexo; e (h) faixa etária. Isso mostra que todas as restrições controladas foram selecionadas e, mais ainda, que as restrições estruturais tiveram prioridade sobre as sociais.

ANÁLISE DAS RESTRIÇÕES ESTRUTURAIS

A Tabela 1 traz os resultados obtidos em relação ao contexto fonológico precedente, selecionado como mais relevante.

Tabela 1 – Realização da variável *contexto fonológico precedente* para o apagamento da variável /ɲ/

Fatores/Exemplos	Aplicação/Total	%	Peso relativo
i/ “vizinho”, “dinheiro”	966/1557	62	0.67
e/ “nenhum”, “senhora”	108/232	46,6	0.39
a/ “campanha”, “banho”	52/292	17,8	0.18
o/ “sonho”, “vergonha”	55/182	30,2	0.11
u/ “cunhada”, “junho”	24/88	27,7	0.05
Total	1206/2351	52	

Fonte: tabela extraída de Pedrosa (2016, p. 56).

Input: 0.47; Significância: 0.031.

Para essa restrição, foram consideradas as cinco vogais nasalizadas. Dessas, considerando-se que todos os valores acima de 0,5 favorecem e abaixo inibem, a que mais favorece o apagamento da nasal palatal é a vogal [ĩ], enquanto as demais o inibem. No caso da palavra “vizinho”, são duas vogais coronais que circundam a consoante, assim como é coronal a nasal palatal. Dessa forma, a nasal palatal /ɲ/ tem maior probabilidade de sofrer apagamento quando seguir a vogal /i/, em exemplos como *minha*, *caminho*, *tinha*, *pequeninho*. Uma explicação plausível para esse tipo de ocorrência é o fato de a vogal /i/ e a consoante /ɲ/ terem traços similares, que é o coronal. Vale dizer que, no conjunto de dados, muitas palavras com a vogal /e/ tiveram sua realização como [i], o que ampliou o número de ocorrência com esse contexto. Assim, é possível encontrar a seguinte

sequência: “s[e]nhora > s[i]nhora > s[ĩ]nhora > s[ĩ]ora. Quando essa vogal média não é elevada, também pode ocorrer o apagamento da nasal palatal, mas seu resultado não é significativo, e menos ainda o são aqueles vocábulos que têm como vogais nasalizadas a baixa e as posteriores.

Se os resultados obtidos para o contexto fonológico precedente são muito evidentes, tendo em vista a relação fonológica entre a vogal nasalizada e a consoante nasal palatal, o mesmo não se pode dizer do contexto fonológico seguinte, como demonstra a Tabela 2.

Tabela 2 – Realização da variável *contexto fonológico seguinte* para o apagamento da variável /ɲ/

Fatores/Exemplos	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Vogal labial [ɔ]/ “ <i>carinhosa</i> ”, “ <i>senhora</i> ”	46/51	90,2	0,93
Vogal coronal [i]/ “ <i>companhia</i> ”, “ <i>conhecida</i> ”	70/80	87,5	0,9
Vogal labial [o]/ “ <i>canhoto</i> ”, “ <i>senhor</i> ”	11/21	52,4	0,76
Vogal labial [ɔ]/ “ <i>banho</i> ”, “ <i>sozinho</i> ”	374/590	63,4	0,64
Vogal coronal [ɛ]/ “ <i>reconhece</i> ”, “ <i>vinheram</i> ”	1/9	11,1	0,64
Vogal coronal [e]/ “ <i>banheira</i> ”, “ <i>dinheiro</i> ”	59/264	22,3	0,48
Vogal dorsal [a] ou [ɛ]: “ <i>acompanhada</i> ”, “ <i>cozinha</i> ”	644/1336	48,2	0,33
Total	1206/2351	52	

Fonte: tabela extraída de Pedrosa (2016, p. 59).

Input: 0.47; Significância: 0.031.

Todas as realizações das vogais foram consideradas para essa restrição. No tratamento estatístico, as vogais que não foram selecionadas foram [e] e [a], todas as demais atingiram peso relativo superior a 0,5, portanto, relevantes. Dessas, as vogais [ɔ] e [i] têm pesos relativos muito próximos 0.93 e 0.9, respectivamente, ocorrendo em vocábulos como *carinhosa*, *senhora*, *companhia* e *conhecida*. O que a consoante nasal tem em comum no contexto em que ocorre?

Fácil constatar a presença da vogal [i] ou da vogal média [e] que pode sofrer alteamento, resultando em [ĩ]. Pode-se afirmar que a motivação para o apagamento da nasal palatal não é a vogal posterior de “carinh[ɔ]sa” ou de “senh[ɔ]ra”, mas, sim, a presença da vogal anterior que é uma coronal.

Uma evidência que justifica esse raciocínio é o que ocorre com a palavra “acompanhada”, em que a vogal baixa tanto precede como segue a nasal palatal e, nesse caso, inibe seu apagamento, não resultando em uma ocorrência do tipo “acompãada”. O que se pode afirmar em relação aos contextos precedente e seguinte é que vogais que tenham o traço compartilhado com a nasal palatal, no caso o traço de ponto de articulação coronal, condicionam o apagamento da consoante nasal palatal.

A presença da vogal coronal no contexto da nasal palatal é um condicionador muito forte. Observe-se que, ao ser analisada a categoria gramatical, as mais relevantes são o pronome, seguido do nome; e a categoria gramatical verbo não é selecionada como relevante, segundo se constata na Tabela 3.

Os exemplos extraídos do *corpus* ratificam a análise. Nos casos dos pronomes “minha” e “nenhum” e dos nomes “dinheiro” e “galinha”, a presença da vogal coronal sempre precede a nasal palatal. No caso de “nenhum”, facilmente essa vogal média nasal sofre alteamento e favorece o

apagamento da nasal palatal. No caso das formas verbais “ganhar” e “tenho”, em que a vogal alta coronal não se faz presente, a tendência é o segmento nasal palatal não sofrer apagamento, mas pode ser realizado como um glide, resultando em g[ã]ar e t[ẽ]jo. Em uma forma verbal como “tinha”, a presença da vogal nasalizada com o traço coronal favoreceria o apagamento da consoante nasal palatal, e a forma resultante seria tĩ[ø]a.

Tabela 3 – Realização da variável *categoria gramatical* para o apagamento da variável /ɲ/

Fatores/Exemplos	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Pronome/ “ <i>minha</i> ”, “ <i>nenhum</i> ”	275/382	72	0,60
Nome/ “ <i>dinheiro</i> ”, “ <i>galinha</i> ”	617/1221	50,5	0,52
Verbo/ “ <i>ganhar</i> ”, “ <i>tenho</i> ”	313/748	41,8	0,40
Total	1206/2351	52	

Fonte: tabela extraída de Pedrosa (2006, p. 64).
Input: 0.47; Significância: 0.031.

O mesmo se pode dizer em relação à dimensão do vocábulo. O Goldvarb X selecionou como mais significativas palavras dissilábicas, com peso relativo 0.61; as trissilábicas e polissilábicas com pesos relativos 0.42 e 0.39, respectivamente, não são relevantes. Porém uma palavra do tipo “conhecimento”, polissilábica, tende, por ter como contexto fonológico seguinte uma vogal coronal, a elevar-se, e ter como resultado a nasal palatal apagada. Nesse caso, a nasalidade da consoante se espraia para a vogal que a precede e em seguida a nasal palatal é apagada, resultando “cõ[ø]icimento. Em um vocábulo trissilábico como “cunhado”, por não se ter uma vogal com o traço coronal precedendo ou seguinte a nasal palatal, o que pode acontecer é ela perder o traço consonantal e resultar em um glide, ficando “cũ[j]ado”, nunca “cũ[ø]ado”.

Quanto aos vocábulos dissilábicos, por terem frequência de ocorrência maior entre as três possibilidades, é possível que a maioria conste de vocábulos em que a vogal precedente ou seguinte seja uma vogal alta, coronal. Caso se pense em uma palavra como “ganha”, sua realização jamais ocorrerá com o apagamento da nasal palatal, exatamente porque as vogais que circundam a nasal palatal não são coronais.

Das restrições estruturais, a última selecionada foi a tonicidade. Entre estar a nasal palatal na sílaba tônica ou na sílaba átona, é a sílaba átona que mais favorece o apagamento, com peso relativo 0.58; estando na sílaba tônica, o peso relativo é 0.3. Uma possível explicação para essa escolha, é o fato de a nasal palatal, estando na sílaba tônica, ter no seu apagamento uma menor probabilidade, uma vez que é a sílaba tônica sempre a mais proeminente de um vocábulo, e, por isso, menos suscetível de ser apagada. Vocábulos como “sobrinho” e “tenho” são casos em que o apagamento está mais presente, do que em palavras como “banheiro” e “senhor”. Embora, no caso de “senhor”, se a vogal for elevada, o apagamento da nasal palatal possa ocorrer.

ANÁLISE DAS RESTRIÇÕES SOCIAIS

Assim como aconteceu com as restrições estruturais, todas as restrições sociais foram selecionadas. A primeira delas foi *anos de escolarização*, seguida do *sexo* e, por último a *faixa etária*.

Em relação à restrição *anos de escolarização*, como se pode ver na Tabela 4, quem mais favorece o apagamento da nasal palatal são os falantes analfabetos com peso relativa 0.60, seguindo os falantes com 5 a 8 anos de escolarização (0.53) e, por último, não favorecendo com peso relativo 0.35, os falantes com mais de 11 anos de escolarização.

Tabela 4 – Realização da variável *anos de escolarização* para o apagamento da variável /ɲ/

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Analfabeto	307/569	55	0,60
5 a 8 anos de escolarização	662/1200	50	0,53
+ de 11 anos de escolarização	236/582	40,5	0,35
Total	1206/2351	52	

Fonte: tabela extraída de Pedrosa (2016, p. 71).
Input: 0.47; Significância: 0.031.

Esses resultados, caso se considere que a realização da nasal palatal seja a forma que representa a norma culta, são bastante coerentes, uma vez que são os analfabetos os que mais se distanciam da norma culta, seguidos daqueles que, embora escolarizados, têm menos anos de escolarização do que aqueles que estão acima de 11 anos de escolarização, muitos deles já cursando o nível superior. A escolaridade é, portanto, um fator decisivo na escolha de uma variante, mesmo que se considere o caráter informal na obtenção dos dados.

Esses resultados obtidos estão em consonância com os de Soares (2008) em seu estudo sobre a mesma variável em cidades do Pará.

Quanto à restrição *sexo*, os resultados ratificam a tendência de os falantes do sexo feminino se aproximarem mais da norma culta do que os falantes do sexo masculino. Assim, com um peso relativo 0.55, são os falantes do sexo masculino os que mais aplicam a regra de apagamento da nasal palatal, enquanto os do sexo feminino, com peso relativo 0.46, a inibem.

Vale lembrar que há uma estreita relação entre ser do sexo feminino e selecionar a forma mais culta. Isso é possível de ser verificado em outras variáveis trabalhadas, não só no plano fonológico, mas também no plano morfossintático, em que falantes do sexo feminino têm maior probabilidade de usar as marcas de concordância, seja nominal seja verbal, do que os do sexo masculino.

Por fim, a restrição *faixa etária* foi a última selecionada. Os resultados obtidos, como se pode observar na Tabela 5, indicam que para todas as faixas etárias os pesos relativos estão muito próximos do ponto neutro 0.5.

Tabela 5 – Realização da variável *faixa etária* para o apagamento da variável /ɲ/

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
26 a 49 anos	420/782	53,7	0,53
15 a 25 anos	359/696	51,6	0,51
+ de 50 anos	426/873	48,8	0,46
Total	1206/2351	52	

Fonte: tabela extraída de Pedrosa (2016, p. 74).
Input: 0.47; Significância: 0.031.

As duas primeiras faixas etárias têm como resultado, respectivamente, 0.53 e 0.51. Ao contrário dos falantes com mais de 50 anos, com um peso relativo de 0.46. O fato de serem os mais idosos os que dão preferência à forma mais culta pode indicar uma possível aproximação da forma mais conservadora, entretanto, ao se realizar o cruzamento entre faixa etária e anos de escolarização, o que se observou é que, independentemente da faixa etária, são os falantes com menos anos de escolarização que mais apagam a nasal palatal.

Tendo em vista que a diferença de peso relativo entre as faixas etárias é muito sutil, pode-se afirmar que o processo de apagamento na comunidade pessoense se encaixa no que se denomina de variação estável. Seria uma possibilidade de mudança em progresso, caso os falantes que estão na faixa etária de 15 a 25 anos favorecessem mais o apagamento da nasal palatal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada deu conta da avaliação do comportamento da nasal palatal /ɲ/ na comunidade de João Pessoa, procurando verificar em que condições estruturais e sociais ocorrem seu apagamento, em detrimento de sua manutenção. Ao ser perseguido tal objetivo, identifica-se a preferência do falante pessoense por uma das duas possibilidades. E o que se conclui em relação a isso é que todas as restrições controladas no processo de análise estatística foram selecionadas, tanto as estruturais quanto as sociais.

Em relação às restrições estruturais é possível afirmar que a presença da vogal [+alta, - posterior] /i/ é o forte elemento condicionador do apagamento da nasal palatal. Isso é possível ser verificado não só quando são controlados os contextos fonológicos precedente e seguinte, mas também a tonicidade, o número de sílabas e até a categoria gramatical.

No que concerne às restrições sociais, embora selecionadas, os números relacionados aos pesos relativos estiveram muito próximos, mesmo quando eram favoráveis ou inibidores. O que se observa é que, como se hipotetizou na Introdução, são os falantes do sexo feminino, os mais idosos e os mais escolarizados aqueles que mais favorecem a manutenção da nasal palatal. Assim, são os falantes do sexo masculino, nas faixas etárias iniciais e os menos escolarizados aqueles que favorecem o apagamento. No cruzamento realizado entre as restrições sociais, o que fica evidente é que o apagamento da nasal palatal está diretamente associado a menor quantidade de anos de escolarização, seja ele do sexo masculino ou do sexo feminino, seja ele mais jovem ou mais idoso.

Se o processo que envolve o apagamento da nasal palatal reflete uma variação estável ou mudança em progresso, os dados obtidos a partir da faixa etária levam a crer que se está diante de uma variação estável, uma vez que os resultados estatísticos obtidos não mostram índice acentuado de seu uso por falantes mais jovens em detrimento dos mais idosos.

REFERÊNCIAS

- BUCCINI, A. F.; VAN COETSEM, F. Variation and the reconditioning of phonological rules. *Lingua* 81, p. 169-220, 1990.
- CAMARA JÚNIOR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1970.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. Oxford: Blackwell, 1995.
- FISCHER, J. L. Social influences on the choice of linguistic variant. *Word*, v. 14, n. 1, 47-56, 1958.

- HORA, D. da. *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba*, João Pessoa, 1993.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994. v. 1.
- LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- MEILLET, A. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948.
- NEUSCHRANK, A. *Fonologização na diacronia: do Latim ao Português Moderno*. 2015. 182 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Educação e Comunicação, Universidade Católica de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2015.
- PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. (org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contra Capa, 2003.
- PEDROSA, L. M. *O status da nasal palatal [ɲ] em João Pessoa*. 2016. 87 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- PINHEIRO, N. L. de A. *O processo de variação da lateral palatal em Belo Horizonte*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- SANKOFF, D. Sociolinguistics and syntactic variation. In: NEWMeyer, F. *Linguistics: the Cambridge Survey*. IV Language: the socio-cultural context. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 140-161.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. A. Chelini. J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006[1916].
- SOARES, E. P. M. *As palatais lateral e nasal no falar paraense: uma análise variacionista e fonológica*. 2008. 187 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (ed.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.